



Aprendendo com nossos bisavós

Pela primeira vez desde que foi criado, o Dia do Trabalho passou praticamente “em branco”, sem as tradicionais comemorações e manifestações de rua. Nenhuma passeata sindical na França. Nenhuma parada militar na Rússia. Estradas vazias no Brasil, apesar do “feriadão”.

Paradoxalmente, o trabalho é hoje, certamente, a segunda maior preocupação de todos os habitantes do planeta. A crise apenas começou, mas a insegurança e incerteza são grandes. Com tantos problemas e tantas nuvens no horizonte, como driblar a angústia e manter o otimismo e a esperança?

Talvez um pouco de história possa ajudar... Podemos voltar a 1918, quando a Primeira Grande Guerra apenas terminava. Após quatro anos de uma batalha de trincheiras, suja e sangrenta, com um saldo de quase 18 milhões de mortos, entre militares e civis, a Europa emergia devastada e totalmente modificada. Quatro impérios desapareceram, sendo que o Russo logo se transformaria na União Soviética, a primeira nação a implantar um regime comunista. A crise econômica atingiu vários países, principalmente a Alemanha, que entrou em profunda depressão, cujas consequências políticas se mostrariam nefastas duas décadas mais tarde.

Fora da Europa, a crise também afetou países como EUA e Austrália. O maior problema do pós-guerra, contudo, foram as epidemias: tifo e malária mataram mais alguns milhões, mas nenhuma doença se igualou em extensão e morbidade à Gripe Espanhola. A pandemia se iniciaria naquele ano de 1918 e duraria até o ano seguinte, deixando um número até hoje indeterminado de vítimas fatais – estimativas variam de 50 a 100 milhões de pessoas. E atingiu até países que haviam sido menos afetados pela crise econômica, como o Brasil, onde oficialmente matou 35 mil pessoas, inclusive o presidente Rodrigues Alves.

Guerra, crise econômica e pandemia. Como nossos bisavós e tataravós superaram tudo isso? Em uma época de medicina não tão avançada (antibióticos ainda não havia sido descobertos) e hospitais sem os recursos de hoje, eles enfrentaram a pandemia ficando em quarentena sem os confortos da vida moderna e atravessando a crise econômica em plena transformação



Fique em casa
Quédate en casa
Stay home
Restez chez vous
Stare a casa
呆在家里
家にいる
Остаться дома

da segunda Revolução Industrial, que eliminou muitos empregos e exigiu novos conhecimentos.

Pela primeira vez em séculos as pessoas tinham que lidar com situações inusitadas para sua rotina habitual, devido ao fechamento de escolas, igrejas, comércio e repartições públicas. Hospitais tiveram que ser improvisados para dar conta do crescente número de doentes e, na inexistência de um tratamento eficaz, o foco passou a ser no alívio do sofrimento dos doentes. Com o tempo, a imunização natural da população freou o avanço da pandemia e, ao final de 1919, ela desaparecera.

O exemplo de nossos antepassados e sua coragem nesse que foi um dos momentos mais críticos da história da humanidade deve servir de exemplo para a nossa geração. Não devemos minimizar o trauma que sofreram. O escritor Nelson Rodrigues tinha apenas 6 anos, mas guardou na memória – e, mais tarde, registraria em suas crônicas – os tempos estranhos que vivera.

“Morria-se em massa. E foi de repente. De um dia para o outro, todo mundo começou a morrer. (...) De repente, passou a gripe. (...) A peste deixara nos sobreviventes (...) o puro tédio da morte. Eu me lembro de um vizinho perguntando: ‘Quem não morreu na Espanhola?’” (trecho de crônica de Nelson Rodrigues para o jornal *Correio da Manhã*, publicada em 1967)

Nem a Espanhola, nem a Guerra, nem a crise tiraram a força e a perseverança daquelas pessoas. Passada a pandemia, sua vida pouco a pouco voltou ao normal. Não esqueceram os momentos difíceis, mas tampouco deixaram de sonhar e acreditar que podiam construir um futuro melhor para si, seus filhos e netos.

Somos esse futuro. Não os desapontemos.